



O EPISÓDIO DAS FOR

GEORGETE DUTRA
GRUPO BAMBUÍ DE PESQUISAS ESPELEOLÓGICAS

THE ANTS' EPISODE

Nothing like a calm night after a busy day of exploration to replenish energy. Of course, if one can get it. In a tent for three, four sardines tried to sleep when it started raining. The place for the tent was perfect: a well chosen spot a few meters from the cave's entrance, deprived of branches and weeds, far from the Frenchmen's snoring. Poor Frenchmen, who only had their hammocks!

Ouch! To make things worse, ants had somehow managed to get into the tent, and to judge by their bites, they didn't seem to be any friends. A handtorch was lightened and reality came as nightmare: not a drop of water fell upon their heads, but ants, thousands of angry hungry ants which had already started to make themselves unbearable.

As the "rain" continued, a unique hunt took place. While the Frenchmen wondered what kind of tropical beast carried out an attack against their Brazilian counterparts, laughing loud at a situation like that for the good-mooded speleologists was unavoidable. The amused victims, so used to fornicate underground, transmuted themselves into ant-killers full of the most primitive hatred. At least until not one insect was inside the tent to disturb them in their so deserved rest.

When the morning came, not a single ant was around.

E

ncontramos o pessoal do Gregeo e do GSBM na casa destinada ao GOIÁS 97. Logo no primeiro dia eles nos falaram da exploração de São Bernardo II, e da idéia de dormir na entrada dessa caverna para economizar uma boa caminhada. Imediatamente concordamos, afinal os mesmos eram os conhecedores da caverna e da caminhada. Ademais, sabíamos muito bem o que era uma caminhada puxada devido à nossa experiência no Caraça...

- Bem, já vi e passei por tudo ou quase tudo nesta vida. Dormir na entrada da caverna não deve ser tão mal. O que precisamos levar?

- Não muita coisa, respondeu a Jô. Nós dormimos logo na entrada, vamos levar uma barraca para duas pessoas que eu e a Jeanne dividiremos. Os franceses bateram os spits para rede e vão dormir nas mesmas.

- Legal, quem sabe a gente leva rede. O problema é que não temos rede, e somente uma barraca, a do Ezio. Na verdade ela é para três pessoas, mas de tanto a gente dormir em quatro (eu falei em quatro e não de quatro!) na distinta ela já virou FERRINO-4.

- Só que no Caraça faz frio, o que não acontece muito em Goiás, complementa a Lília. Na falta de opção, os quatro, eu, Murilo, Lília e Ezio fomos para São Bernardo II levando somente uma barraca, a FERRINO-3 mas como coração de mãe, cabe quatro. Caminhamos na mata, depois numa drenagem e dentro em pouco estávamos

na boca da caverna. Colocamos o macacão, botas, lanternas, fizemos um rápido lanche e pronto! Entramos na caverna e começamos a topografia, com duas equipes, cada uma indo para um lado e voltando topografando, até se encontrarem. Dito e feito, tudo correu às mil maravilhas, ainda dando tempo para uma rápida olhada no sifão, e... saímos da caverna. Já era noite, como esperado. Trocamos de roupa, fizemos o jantar, comemos e nos preparamos para dormir. Jô e Jeanne arrumaram a barraca, no local previamente escolhido, bem próximo à entrada. Os franceses dependuraram as redes, também próximo à entrada. Nós, do Bambuí, (quatro pessoas para dormirem em uma barraca de três) escolhemos um local excelente. Um pouco mais afastado da entrada, mas bem plano, de tal forma que os quatro ficariam bem confortáveis, na medida do possível, sem precisar de contorcionismos para desviar de pedras ou galhos que porventura perturbassem nosso sono.

- Beleza, este local está excelente! Plano, sem muito mato, na encruzilhada das trilhas. Possivelmente, nem ouviremos os roncões do pessoal!

- E eles também não ouvirão os nossos roncões, né Ezio!?

- !....

E assim foi, armamos a barraca e voltamos para conversar um pouquinho com o pessoal e vê-los se ajeitando em redes.

- Se chover esse povo vai entrar pelo canal...

- Vão passá um frio...

Estamos melhor que os distintos; era o pensamento geral. Há, que piada!

O episódio a seguir narrado é confidencial. Foi uma artimanha dos EUA, CCE, MERCOSUL etc...

Treinamento secreto de formigas com o intuito de acabar com os "doces" espeleólogos!

Fomos dormir, tomando o cuidado de deixar a barraca semi-aberta, somente com o filó, para não esquentar muito do lado de dentro. No meio da noite um barulho de chuva: tim, plic, tim, plic...

- Parece que está garoando, daqui a pouco os franceses irão acordar molhados!

De repente o Ezio fala:

- Deixei o material de topografia do lado do rio, se subir vai levar tudo!!!

- Acende a lanterna, tem um bicho me picando! Qualquer coisa, se a chuva persistir, a gente busca os trem! (Eh, mineirada..)

Na hora que se acendeu a lanterna entendemos que não era bem chuva de água que estávamos ouvindo. A barraca havia sido invadida por várias formigas, mas quando se iluminava o teto, descobria-se que do lado de fora havia bem mais! A nossa estratégia de

deixar a barraca semi-aberta devido ao calor favoreceu a entrada de algumas formigas. Fechamos bem a barraca e começamos uma louca caçada às formigas... O que se seguiu foi hilário...

- Aqui, peguei. Matei a desgraçada!

- Ai, ai, ai, tem uma aqui me mordendo...

- Toma, soc, soc, bum, tap, tap, tap...

- Aiiii, sou eu em cima desta formiga que você está espremendo...

Não aguentei. Que situação mais surrealista! Irrompi uma gargalhada entremeada com ai, ui, taps, socs... E daí a pouco, todos estávamos rindo, matando formigas, suando dentro da barraca, brigando pela única lanterna, iluminando as paredes, o teto, e descobrindo que estávamos cercados e ilhados. Formiga para todos os lados. Não podíamos sair da barraca, e as formigas caindo no sobreteto, fazendo barulho de chuva... Nunca vi nada igual e nem tanta formiga! Depois que exterminamos as que estavam do lado de dentro da barraca (bum, soc, há, há, há, tap, tap, ri, ri, ri, bum, soc, tap, ai, ui) começamos a imaginar como estava a situação do lado de fora, o pessoal que ficou próximo à entrada da

caverna. Fizemos alguns segundos de silêncio e não ouvimos nada. É lógico que eles não estavam sofrendo a mesma situação. Começamos a rir e a imaginar o que estariam pensando...

- Um acesso de sado-masiquismo no pessoal do Bambuí...

- Oba, suruba!...

- Que será que está acontecendo!?!...

Voltamos a dormir, vencidos pelo cansaço, formigas e calor. Rir também cansa! Durante o resto da noite e madrugada, vez por outra um acendia a lanterna sentindo um bicho pegando...

Dia seguinte, saímos da barraca. As formigas tinham desaparecido! Chegamos na entrada da caverna, rindo. O pessoal já estava acordado.

- O que aconteceu? Foi a pergunta uníssona de todos.

- Um ataque de formigas, como nunca conseguirão imaginar!

Quando desmontamos a barraca descobrimos o problema. Na ânsia de um local plano e sossegado não olhamos bem o chão. A barraca estava em cima de um super formigueiro. É, tá danado! Que noite, que noite! 



O mato seco do cerrado dificulta o caminho dos espeleólogos e serve de abrigo para "visitantes" inoportunos.

Le "cerrado" rend difficile le chemin et abrite des "visiteuses" inoportunes.

Foto: Ezio Rubbioli.

As longas viagens na carroceria das camionetes faziam parte do dia-a-dia das explorações.

Les longs voyages en camionnettes faisaient partie du quotidien des explorations.

Foto: Lília Senna Horta.



L'ÉPISODE DES FOURMIS

GEORGETE DUTRA

GRUPO BAMBUÍ DE PESQUISAS ESPELEOLÓGICAS

Nous avons rejoint les intégrants du GREGEO et du GSBM dans la maison servant de base à GOLAS 97. Dès le premier jour, ils nous font part de leur intention d'explorer la caverne São Bernardo II et, pour ne pas trop gaspiller nos forces, nous suggèrent de passer la nuit aux abords de la grotte. Nous tombons tout de suite d'accord. Au bout du compte, ce sont eux qui connaissent la caverne et le chemin qui y mène. Pour qui est déjà allé jusqu'à Caraça, les marches pénibles sont des expériences connues.

- Bien, il m'est déjà arrivé toutes sortes d'aventures dans la vie. Alors, ce ne doit pas être bien terrible de dormir à l'entrée d'une caverne.

- De quoi aurons-nous besoin? Demande Jô.

- Je lui réponds: de pas grand chose. Nous dormirons aux environs immédiats de l'entrée. Emportons une tente pour deux que je partagerai avec... Les français installeront leurs hamacs et y passeront la nuit.

- Très bien, et si nous aussi, nous emmenons un hamac? Le problème est que nous n'en avons pas. Nous n'avons qu'une tente, celle d'Ezio. En fait, elle a été conçue pour trois, mais on y a si souvent dormi à quatre qu'elle pourrait être rebaptisée FERRINO-4.

- Oui, mais à Caraça il fait froid, ce qui n'arrive pas fréquemment par ici, ajoute Lília.

Nous n'avons pas le choix. Tous les quattres, Lília, Murilo, Ezio et moi - même, nous prenons le chemin de São Bernardo II en n'emportant qu'une seule tente, la FERRINO - 3, dans laquelle en se serrant un peu, on peut tenir à quatre. Nous progressons à travers la forêt jusqu'à ce que nous arrivions enfin devant le porche de la caverne. Là, nous mettons nos combinaisons, nos bottes et nos lanternes; nous faisons un repas rapide et nous voilà fin-prêts! Nous pénétrons dans la cavité et commençons à topographier. Nous formons deux groupes, chacun topographiant de son côté, jusqu'à se rencontrer. Tout se passe comme sur des roulettes, ce qui nous laisse même le temps de jeter un rapide coup d'oeil dans le siphon, et ... nous revoilà dehors!

La nuit est déjà tombée, comme nous nous y attendions. Nous nous changeons, nous préparons le dîner, nous mangeons et, nous voilà mûrs pour le sommeil. Jô et ... plantent la tente tout près de l'entrée, dans

un lieu choisi au préalable. Les français installent leurs hamacs dans le même périmètre. Nous autres du Bambui, devant la nécessité de tenir à quatre dans une tente faite pour trois, nous nous établissons dans un excellent endroit. Un peu plus en retrait de l'entrée, mais sur un terrain bien plat; dans la mesure du possible nous passerons une nuit bien confortable, nous n'aurons nul besoin de nous contortionner pour éviter les pierres et les branches qui, d'aventure, pourraient perturber notre sommeil.

- Superbe, ce lieu est super! Plat, à distance respectable de la forêt, à l'embranchement des chemins; et avec un peu de chance, nous n'entendrons même pas les autres ronfler!

- Et nous, nous ne les incommoderons pas non plus avec nos propres ronflements, n'est-ce-pas Ezio?

- !

Nous nous mettons à l'ouvrage; nous plantons la tente avant de rejoindre le reste du groupe. Nous bavardons un peu tout en les observant rechercher la meilleure position dans leurs hamacs respectifs.

- S'il pleut, ils vont boire la tasse....

- Ils vont se les geler

Sans aucun doute, nous sommes les mieux lotis... A ce moment là, c'est ce que tout le monde pense. Eh, quelle erreur! L'épisode suivant est confidentiel. Ce fut une véritable machination des forces des EUA, de la CEE et du MERCOSUL réunis... L'entraînement secret d'une armée de fourmis ayant comme objectif d'en finir avec les spéléologues "en sucre"!

Nous allons nous coucher en prenant bien soin de laisser une ouverture dans la tente, pour ne pas suffoquer. Au milieu de la nuit, la pluie se fait entendre, flic, flac, flic, flac ...

- On dirait qu'il commence à pleuvoir. D'ici peu, les français vont se réveiller tout mouillés!

Soudain, Ezio dit:

- J'ai laissé le matériel de topographie à côté de la rivière. Si le niveau de l'eau monte, le courant va tout emporter!!!

- Allume la lampe, il y a une bestiole qui est en train de me piquer! De toute façon, si la pluie se fait plus violente, on sort récupérer le matériel!

Quand la lumière apparaît, nous comprenons vite que ce n'était pas la pluie que nous avions entendue. La tente est envahie par une quantité non-négligeable de fourmis! Quant au dehors, au-dessus de

nos têtes, il nous suffit d'éclairer la toile pour nous apercevoir qu'il y en a bien plus encore! Notre stratégie d'avoir laissé la tente mi-ouverte pour éviter l'excès de chaleur avait favorisée l'invasion de nombreuses fourmis ... et ce qui suit est du plus haut comique ...

- Là, je t'ai eue et je t'ai tuée, satanée bestiole!

- Aille, Aille, Aille, il y en a une qui est en train de me mordre...

Prends-ça, paf, paf, boum, tap, tap...

- Aiiiille, c'est moi qui suis en dessous de cette fourmi que vous écrasez!

Je n'en peux plus. Quel tableau des plus surréaliste! Je suis prise d'un fou-rire entrecoupé de aille, ouille, tap, soc ... Et bientôt, nous voilà tous riant à gorge déployée, écrasant les fourmis en suant à grosses gouttes, nous battant pour la lampe, éclairant les parois de la tente, le faite et ... nous apercevant alors que nous sommes encerclés et isolés! Des fourmis partout! Nous ne pouvons plus sortir; et les bestioles qui continuent de tomber sur le double-toit en imitant le bruit de la pluie ... je n'avais encore rien entendu de semblable; et je n'avais jamais vu tant de fourmis non plus! Après avoir exterminé celles qui s'étaient introduites chez nous (boum, soc, aille, aille, aille, tap, tap, hi, hi, hi, boum, soc, tap, ouille, ouille) nous commençons à imaginer ce qui pouvait bien se passer chez nos amis du dehors, là-bas, près de la caverne. Nous laissons le silence s'établir pendant quelques minutes; nous écoutons mais nous n'entendons rien. Ils n'ont pas dû vivre la même expérience, c'est clair! Nous nous remettons à rire de plus belle en imaginant ce qu'ils avaient bien pu penser...

- Une crise subite de sado-masochisme dans la tente du Bambui...

- Olé, une partouze! ...

- Qu'a-t-il bien pu se passer!? ...

Nous nous rendormons bientôt, vaincus par la fatigue, la chaleur et les fourmis. Le rire tue aussi! Jusqu'au petit matin, de temps à autre, l'un de nous allume la lampe quand il sent une indésirable le piquer ...

Le lendemain, quand nous sortons au grand-jour, les envahisseuses se sont volatilisées! Nous nous approchons de la caverne en riant. Les autres sont déjà réveillés.

- Et bien, que vous est-il arrivé? Nous demandent-ils à l'unisson.

- Une attaque de fourmis telle que vous ne serez jamais capables d'en imaginer une semblable!

En repliant la tente nous découvrons la source de nos malheurs. Dans la hâte de trouver un terrain plat et tranquille, nous n'avions pas bien examiné le sol. Nous avions tout simplement élu domicile au-dessus d'une fourmilière géante - Et nom de Dieu! Quelle nuit mes amis, quelle nuit!

